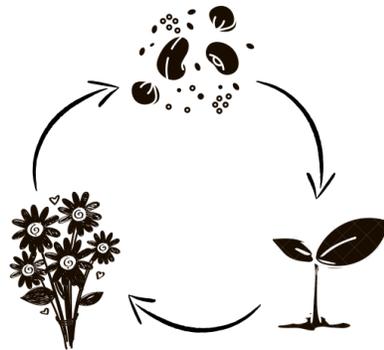


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

ERICSON DA SILVA SANCEVERINO

SEMEANDO A IDENTIDADE DOCENTE DA GEOGRAFIA NO
PROJETO EDUCACIONAL ALTERNATIVA CIDADÃ (PEAC)



Porto Alegre

2022

Ericson da Silva Sanceverino

SEMEANDO A IDENTIDADE DOCENTE DA GEOGRAFIA NO PROJETO
EDUCACIONAL ALTERNATIVA CIDADÃ (PEAC)

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado ao Departamento de Geografia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Luisa Zeferino Pires

Porto Alegre

2022

Dedico este trabalho a todos e todas que fizeram, fazem ou
farão parte do PEAC.

AGRADECIMENTOS

Construir os agradecimentos deste trabalho foi como produzir uma (auto)biografia: um mergulho nas memórias de toda minha trajetória na graduação e na vida. Espero não esquecer ninguém.

Agradeço a minha mãe Eloá, presente em todos momentos da minha vida, e que é minha grande referência de vida. Te amo.

Agradeço a minha família, principalmente meu irmão Elder, meu pai Francisco, minha prima Marluce e minhas tias Lueci e Maria.

Agradeço as amigades presentes na minha vida, começando pela Edna, a amiga que eu mais admiro neste mundo, Daniel, Nicole, Camila, Renan, Roger, Mari e todos outros.

Agradeço as psicólogas Thais e Tanaia pela sabedoria nos momentos em que precisei falar e também ouvir. Fazer terapia ajudou este trabalho acontecer.

Agradeço à minha orientadora Cláudia, por aceitar e construir junto comigo esse trabalho.

Agradeço às professoras que participaram desta pesquisa e ajudaram a fazer esse trabalho existir.

Agradeço a Lara e Isabela por aceitarem fazer parte da banca examinadora.

Agradeço a todos meus professores e professoras que marcaram de alguma maneira minha trajetória até aqui, principalmente a professora Márcia, que me encorajou a escrever e acreditar na possibilidade de chegar ao ensino superior.

Por fim, agradeço ao PEAC, por ter mudado a minha vida. Como são muitas pessoas, destaco aqui meu agradecimento a todos professores e professoras de Geografia que constroem nosso grupo de forma coletiva, a todos alunos e alunas que já passaram por minhas aulas, e ao Zé, o cara que constrói esse projeto de forma admirável, e me inspira a seguir lutando pelo que acredito.

A identidade: isso serve, em primeiro lugar, para semear nosso eu no mundo.

Ericson

RESUMO

O trabalho apresentado aqui busca refletir sobre a identidade docente ao longo da trajetória de atuação profissional, buscando fazer o recorte de pesquisa nos momentos de prática docente durante a graduação. Assim, o objetivo deste trabalho é compreender de quais formas a prática como professor(a) de Geografia no Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC) atua na construção da identidade docente. Para desenvolver esta pesquisa utilizou-se o método (auto)biográfico, onde se produziu as trajetórias de três professoras de Geografia, das quais tiveram experiências no projeto durante a graduação. Buscou-se fazer a análise das narrativas para entender como a prática atuou na construção das suas identidades docentes, e apresentar o PEAC no contexto da educação popular no Brasil. O trabalho está estruturado em forma de um ciclo, denominado O semear da identidade Docente, onde se desenvolvem as seguintes temáticas: a experiência docente no PEAC, a análise desta experiência através da (auto)biografia e o resultado desta experiência na identidade docente. Fecha-se o ciclo percebendo as diversas potencialidades presentes na prática docente exercida no PEAC, como a influência da construção docente coletiva dentro de um espaço de educação popular e a valorização do sujeito educador como um mediador no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Identidade Docente, Método (auto)biográfico, Pré-Vestibular Popular, PEAC.

ABSTRACT

The work presented here seeks to reflect on the teaching identity along the trajectory of professional performance, seeking to make the research cut in moments of teaching practice during graduation. Thus, the objective of this work is to understand in which ways the practice as a Geography teacher in the Alternative Citizenship Educational Project (PEAC) acts in the construction of the teaching identity. To develop this research, the (auto)biographical method was used, which produced the trajectories of three Geography teachers, who had experiences in the project during their graduation. We sought to analyze the narratives to understand how the practice acted in the construction of their teaching identities, and to present the PEAC in the context of popular education in Brazil. The work is structured in the form of a cycle, called The sowing of teaching identity, where the following themes are developed: the teaching experience in the PEAC, the analysis of this experience through (auto)biography and the result of this experience in the teaching identity. The cycle is closed by realizing the various potentialities present in the teaching practice exercised in the PEAC, such as the influence of collective teaching construction within a space of popular education and the appreciation of the educator subject as a mediator in the learning process.

Keywords: Teacher identity, (auto)biographical Method, Pre-University entrance exam, PEAC.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PEAC - Projeto Educacional Alternativa Cidadã

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PPP - Projeto Político Pedagógico

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Ciclo “O semear da identidade docente”17

Imagem 2 - Painel de fotos das trajetórias das professoras no PEAC.....38

SUMÁRIO

PREPARANDO O TERRENO	11
1. O SEMEAR DA IDENTIDADE DOCENTE	14
2. SEMENTES PLANTADAS NO PEAC	18
3. A GERMINAÇÃO SOB O OLHAR DA (AUTO)BIOGRAFIA	22
4. O BROTAR DAS FLORES DA IDENTIDADE	32
4.1 A experiência (auto)biográfica	32
4.2 Antes do PEAC	33
4.3 Durante a experiência no PEAC	35
4.4 O que ficou na identidade	37
5. SEMENTES NÃO TÊM FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
ANEXO I: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	43

PREPARANDO O TERRENO

Para introduzir essa pesquisa, ou como diz o título, preparar o terreno, começo por dizer o quanto apresentar este trabalho está envolto de afeto, pois percebo nessa pesquisa a possibilidade de compreender como se construiu a identidade docente daqueles sujeitos dos quais experienciamos o PEAC, e ao mesmo tempo analisar as potencialidades das experiências práticas para a formação de professores e professoras neste espaço no qual construí uma forte relação. As temáticas abordadas e a metodologia escolhida estão carregadas de subjetividades, das quais nos formamos enquanto profissionais e sujeitos. Essas características são a base deste trabalho, e por isso, antes de qualquer coisa, inicio ressaltando a afetividade com a qual desenvolvi meu Trabalho de Conclusão de Curso.

A escolha deste tema se dá, primeiramente, pela minha própria trajetória na Universidade: consegui acessar o ensino superior em 2015 após ter sido aluno do PEAC em 2014; atualmente sou professor e passei grande parte da minha graduação lecionando aulas no cursinho; e desde 2020 sou um dos coordenadores da Geografia no projeto. Além disso, é muito importante ressaltar que decidi ser professor de Geografia quando tive minha experiência como aluno no projeto. Portanto, nos momentos em que refletia sobre qual tema desenvolver no trabalho de conclusão de curso, percebi o quanto meu trajeto durante a graduação estava ligado com o PEAC. Estas experiências vivenciadas no projeto foram muito importantes para a construção da minha identidade docente. Além desse caráter individual e pessoal que inspirou essa pesquisa, a percepção de como a construção coletiva presente num projeto de educação popular pode influenciar os sujeitos envolvidos (educadores e educandos) também criou interrogações para um aprofundamento maior sobre o tema.

Apresentar uma pesquisa sobre esta temática tornou-se relevante também para a reflexão sobre a formação docente da Geografia pois, segundo

Nóvoa (1992, p. 27), “o profissional competente possui capacidades de autodesenvolvimento reflexivo”. Frequentemente são as subjetividades que nos constroem ao longo da formação profissional, principalmente nossas memórias escolares, nossas crenças pessoais e também as práticas docentes ao longo de nossa formação inicial. Buscar por experiências das quais possibilitem uma prática qualitativa durante a formação de Licenciatura em Geografia, podem construir na identidade habilidades e reflexões importantes, tanto para o presente deste sujeito quanto para o futuro profissional.

A escolha da metodologia (auto)biográfica mostra-se muito oportuna no desenvolvimento desta pesquisa, compreendendo o quanto este método tem relação com os estudos sobre identidade docente, tema no qual está presente neste trabalho. Numa pesquisa autobiográfica, segundo Abrahão (2004), “o sujeito se desvela, para si, e se revela para os outros, como uma história autorreferente carregada de significado”. Pensar na docência através de suas subjetividades configura-se como relevante ao perceber-se o quanto estas influenciam na identidade de professores(as) durante suas vidas, assim como também dão significados a estes mesmos sujeitos. Busca-se dar o devido protagonismo da docência aqueles(as) que a constroem cotidianamente: os(as) professores(as), oportunizando não só um espaço para narrarem suas trajetórias mas também para a reflexão sobre sua própria prática, possibilitando caminhos e descobertas das quais não se conhece senão através desse processo auto reflexivo. Para este trabalho foram desenvolvidas as narrativas (auto)biográficas de três professores que experienciaram o PEAC durante a graduação em Geografia.

Estruturalmente, o trabalho está organizado em um ciclo. Iniciado no segundo capítulo, denominado O semear da identidade docente, apresenta-se os processos envolvidos na construção da identidade profissional docente através de reflexões e dos referenciais utilizados na pesquisa. Posteriormente, no terceiro capítulo, chamado Sementes plantadas no PEAC, busca-se dar um panorama geral sobre a educação popular no Brasil, assim como apresentar o PEAC, espaço escolhido para se “plantar” as sementes da identidade docente.

Para além disso, elucidam-se também as experiências vividas em outros lugares e momentos, pois também são importantes para compreender a construção da identidade dos sujeitos, e as possíveis perspectivas da Geografia na educação popular. No quarto capítulo, denominado A germinação sob o olhar da (auto)biografia, aborda-se as bases teórico-metodológicas utilizadas para desenvolver a pesquisa biográfica, assim como mostrar a relevância desta metodologia nas pesquisas dentro do campo da educação, principalmente na formação docente. Aponta-se também o planejamento utilizado para a construção das narrativas. No quinto capítulo, de nome O brotar das flores da identidade, revela-se, através de uma análise, o resultado nas narrativas produzidas. Busca-se apontar, primeiramente, a experiência com a (auto)biografia, e, posteriormente, aquilo no qual mostrou-se mais relevante as professoras durante suas narrativas. No sexto capítulo, chamado Sementes não têm finais, são apresentadas as considerações alcançadas com o trabalho desenvolvido.

1. O SEMEAR DA IDENTIDADE DOCENTE

Desenvolver um trabalho no qual a identidade docente seja a protagonista da pesquisa, mostra-se de grande relevância para professores(as), sejam aqueles ainda em formação, no início da carreira ou já estabilizados na profissão, pois é na identidade onde constituímos quem somos, o que fazemos e porque fazemos. O presente trabalho busca contribuir às reflexões relacionadas à construção da identidade docente pelo caminho de um diálogo aberto sobre o tema, sem procurar respostas finais ou fórmulas para se seguir. Essa contribuição se dá principalmente no campo das experiências docentes, no período inicial das práticas dos sujeitos. Ainda assim, acredita-se ser esta uma pesquisa abrangente a outros momentos da profissão docente, considerando aqui a identidade como uma constante relação consigo mesmo e com os outros, portanto não limitada a apenas um momento específico.

A identidade profissional é construída, ao longo do tempo, através de experiências profissionais e pessoais, crenças, contexto sociocultural, entre outros. Quando pensamos na docência, as experiências em sala de aula e fora dela são de grande relevância para essa construção. A identidade docente é construída para muito além da formação acadêmica, e entendendo que a presente pesquisa faz uma análise de um espaço não-escolar, escrever sobre outros espaços educacionais que contribuam para essa construção mostra-se como algo relevante. Além disso, as experiências docentes ao longo da formação em licenciatura de Geografia, muitas vezes limitadas aos estágios obrigatórios, acabam por não conseguir aprofundar-se na construção da identidade dos futuros professores e professoras, uma vez que o tempo em sala de aula é relativamente pequeno, assim como a configuração em uma turma sob a regência de outro(a) professor(a) acaba por possuir algumas limitações pedagógicas. Ressalta-se aqui que o objetivo não é deslegitimar a experiência dos estágios, pois sabe-se da importância destas para a formação docente, mas sim justificar o quanto outros espaços tem um enorme potencial para a construção positiva e transformadora da identidade docente.

Diversos autores e autoras contribuem com estudos nesta temática, como Nóvoa (1995, p. 115), que aponta a identidade profissional como [...] uma construção que tem uma dimensão espaço-temporal, atravessa a vida profissional desde a fase da opção pela profissão até a reforma, passando pelo tempo concreto da formação inicial e pelos diferentes espaços institucionais onde a profissão se desenrola. (...) É uma construção que tem a marca das experiências feitas, das opções tomadas, das práticas desenvolvidas, das continuidades e descontinuidades, quer ao nível das representações quer ao nível do trabalho concreto.

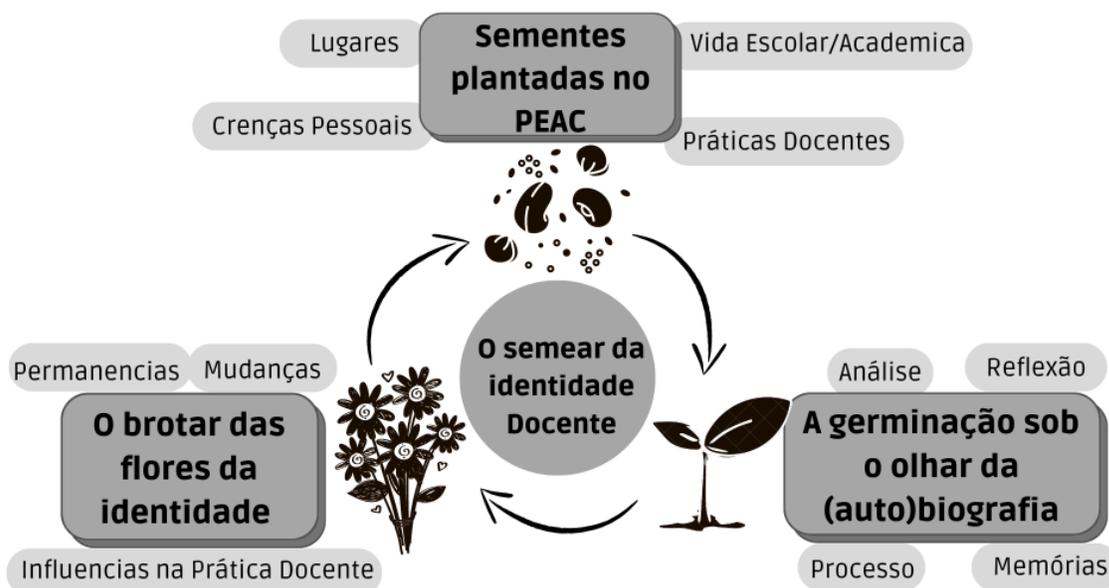
Carlos Macedo (2009), por exemplo, aponta que “a identidade profissional docente se constitui como uma interação entre a pessoa e suas experiências individuais e profissionais” (pag 109), o que nos introduz oportunamente ao tema, pois é através dessa construção de si mesmo que compreendemos também o nosso contexto e nos desenvolvemos profissionalmente. O autor ainda aprofunda-se no tema, analisando o conceito de identidade docente “como uma realidade que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente”, e ainda sintetiza que “a identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve durante a vida. A identidade não é um atributo fixo para uma pessoa, e sim um fenômeno relacional” (pág. 112). Percebe-se, portanto, o quanto as experiências, tanto pessoais como profissionais, contribuem para a construção da identidade docente, e como elas são constantes e diversas ao longo da vida profissional, entendemos porque ela está se construindo a todo tempo. Macedo ainda reflete que “A identidade profissional contribui para a percepção de autoeficácia, motivação, compromisso e satisfação no trabalho dos docentes, e é um fator importante para que se tornem bons professores. A identidade é influenciada por aspectos pessoais, sociais e cognitivos” (pág. 114). Através dessas contribuições é possível perceber o quanto a reflexão sobre a identidade profissional docente está entrelaçada com a nossa prática como professores(as), portanto, também se mostra necessária essa reflexão quando buscamos uma experiência docente de qualidade, tanto aos alunos(as) quanto para os professores(as).

A ênfase está na prática docente ainda durante a graduação, portanto o foco está no início da docência e nos primeiros passos da construção da identidade docente, assim, são utilizados os estudos de Huberman sobre os ciclos da vida profissional dos professores, onde o autor conceitua duas grandes fases de atuação profissional docente, a de “exploração” e a de “estabilização”, e para a análise da presente pesquisa utilizaremos a dita de exploração:

A exploração consiste em fazer uma opção provisória, em proceder a uma investigação dos contornos da profissão, experimentando um ou mais papéis. Se esta fase for positiva, passa-se a uma fase de “estabilização”. (HUBERMAN, 1995)

Ao longo da pesquisa foi se percebendo, através dos estudos feitos, a existência de um diálogo entre os eixos escolhidos (a identidade docente, as práticas no PEAC e o método autobiográfico), assim criou-se um ciclo no qual abarca-se todos os temas trazidos no presente trabalho. Utiliza-se como analogia o ciclo de vida das plantas para criar o ciclo do Semear da Identidade Docente, apresentado na imagem 1.

Imagem 01 - Ciclo “O semear da identidade docente”



Fonte: Autor, 2022

Para além desse diálogo encontrado durante a pesquisa, citado anteriormente, construir este trabalho sobre a identidade docente através deste ciclo se mostra coerente, primeiro pelas próprias contribuições de Huberman (1995), ao colocar a vida profissional como um construir nutrido de inúmeras possibilidades, ao dizer que “o desenvolvimento de uma carreira é, assim, um processo e não uma série de acontecimentos. Para alguns, este processo parece linear, mas, para outros, há patamares, regressões, becos sem saída, momentos de arranque, descontinuidades”, e segundo por Abrahão (2004), que reflete sobre “uma unicidade biográfica, não-linear, no entanto, e sempre pronta a novas significações e recomposições”. Estas considerações auxiliam na ideia do desenvolvimento constante da identidade docente representada neste ciclo, distanciando-se do viés “bancário” (FREIRE, 1970) do processo educativo, onde o professor é enriquecido de conhecimento e, portanto, com sua identidade já construída e pronta.

2. SEMENTES PLANTADAS NO PEAC

A educação popular como prática caracteriza-se pela construção permanente dos sujeitos, num processo onde a transformação, tanto da prática quanto de quem a pratica, é o motor dos acontecimentos da vida. Paulo Freire é um marco histórico e grande referência da educação popular no Brasil, embora desde o início da modernidade brasileira já tenhamos uma construção do pensamento popular (Paludo, 2001).

A origem dos cursinhos populares no Brasil tem relação com as mudanças no acesso ao ensino superior. Através da Lei 5540/1968, criada durante a ditadura militar (1964-1985), instituiu-se como um dos pré-requisitos a classificação em concurso vestibular, aumentando a já enorme lacuna para a população mais pobre acessar a Universidade. Dentro desse contexto surgem, já na década de 1960, cursinhos populares, construídos por parte do movimento estudantil (CUNHA, 1968). A expansão do acesso ao ensino médio no país, a partir dos anos 1990, impulsionou o crescimento e diversificação dos cursinhos populares, assim como a luta do movimento negro por ações afirmativas (SILVA FILHO, 2004).

Buscando uma definição de cursinho popular, Silva Filho diz o seguinte:

...sua estrutura de funcionamento é similar ao movimento [social], com assembléias, debates e participação democrática de alunos e professores. Afirmam que trabalham com conteúdos de 'cidadania', valorização da identidade étnica, racial, social nas salas de aula. Alguns elaboram uma formulação de que o principal não é a aprovação no vestibular, mas a 'tomada de consciência' das pessoas, o seu engajamento nas lutas da entidade que organizou o curso, tentando criar um espaço de convivência entre alunos, professores e coordenação, visando à formação de grupos, com uma mística, uma identidade e uma dinâmica interna. (SILVA FILHO, 2004, p. 110-111).

Esse breve histórico abordado introduz o tema da educação popular e oportuniza a minha apresentação do PEAC, espaço no qual foi experienciado pelas professoras participantes.

O PEAC – Projeto Educacional Alternativa Cidadã – é um projeto de educação popular voltado à comunidade, atuando desde 2000 no Campus do

Vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, passando a ser um projeto de extensão somente em 2005. Tendo como sua principal atuação o curso pré vestibular, uma das frentes de ação é a busca da aprovação de nossos estudantes, mas não a única. Estes estudantes são, em sua grande maioria, da Região Metropolitana de Porto Alegre, sendo os municípios principais Porto Alegre, Viamão, Alvorada e Cachoeirinha. Além das turmas presenciais, sendo duas no turno da tarde e duas no turno da noite, desde 2020 criou-se uma turma na modalidade EAD, devido a pandemia de Covid-19. Mesmo com o retorno das atividades presenciais decidiu-se manter uma turma nesta modalidade.

O PEAC luta e sempre lutará pela inclusão social. Nossa luta se dá pelo acesso e permanência no ensino superior, não é para que todos pensem da mesma forma e, sim, para que todos possam exercer sua cidadania plena. Para isso, além das aulas regulares, desenvolve-se atividades das quais buscam esse exercício tanto dos educadores como dos educandos. Algumas atividades são as aulas extras feitas no sábado, nas quais as disciplinas já desenvolveram, por exemplo, saídas de campo, idas ao cinema, aulas interdisciplinares e debates no denominado "Chá com Ciência", no qual uma disciplina é convidada para debater um tema específico com os alunos.

A participação na construção do PEAC por parte dos licenciandos em Geografia pode se dar por diferentes caminhos. Parte das experiências vividas ao longo da formação profissional são as práticas docentes, das quais podem ser classificadas em diferentes categorias. Especificamente no currículo da Licenciatura em Geografia da UFRGS, as práticas aparecem nos Estágios Obrigatórios, divididos em quatro etapas ao longo da graduação. É possível vivenciar a prática em cursinhos populares, assim como em outros espaços, durante a graduação, sendo possível inclusive no estágio Supervisionado em Geografia II, como podemos ver no Projeto Pedagógico da Licenciatura em Geografia da UFRGS:

b) Estágio Supervisionado em Geografia II, com 6 créditos e 90 horas/aula.

Esta atividade de ensino propõe a aproximação dos licenciandos do curso de Geografia com a realidade de outros espaços escolares e não escolares que incluam outras atividades de ensino e aprendizagem. É composta de observações, planejamentos e práticas pedagógicas para o ensino não convencional. Comporta o estudo de metodologias e a prática pedagógica na reflexão

Outra possibilidade, e a mais comum, é exercer a docência no projeto como professor(a) voluntário(a), sendo essa a modalidade experienciada pelas professoras pesquisadas no trabalho.

A construção da identidade docente no PEAC traz como pontos de reflexão duas questões principais. Na primeira pode-se pensar sobre as influências da docência compartilhada e da própria construção coletiva do PEAC na identidade dos sujeitos envolvidos. Os estudos de Paulo Freire auxiliam demasiadamente na reflexão sobre a identidade docente, pois a concepção de educação popular realoca o papel do professor e da professora e dos alunos e das aulas como “corpos conscientes” (FREIRE, 1970), portanto podemos encontrar nessa investigação diferentes relações entre a prática no PEAC e a construção da identidade. A segunda questão é sobre a construção relativa à docência específica em geografia, onde a busca é por entender como a trajetória no projeto influenciou nas práticas pedagógicas, assim como no próprio olhar dos sujeitos em relação ao conteúdo referente à ciência geográfica.

Mesmo não sendo considerado um autor da educação popular, Milton Santos contribui para pensar nessa prática docente em geografia, quando pensamos o quanto o “espaço vivido consagra desigualdades e injustiças e termina por ser, em sua maior parte, um espaço sem cidadão (pág. 59)”. Esse espaço sem cidadão configura a realidade inserida pelos alunos e alunas do PEAC, portanto tem grande relação com os estudos geográficos.

Desenvolver um olhar atento ao espaço vivido, sabendo o quanto este espaço é constituído por diferentes forças das quais lutam, diariamente, seja por sobrevivência, por hegemonia ou poder, surge como um desafio específico para nós docentes de Geografia do PEAC. Ao pensarmos sobre nossa ciência, na

qual utilizamos diversas escalas geográficas, como a local e global, percebemos a necessidade de nos localizarmos, para a partir disso conhecer o mundo. Santos nos ajuda nessa reflexão, ao dizer que “[...] o sentido do aprender e ensinar Geografia é se posicionar no mundo.”

3. A GERMINAÇÃO SOB O OLHAR DA (AUTO)BIOGRAFIA

Para iniciar este capítulo, trago como introdução reflexiva as palavras de José Saramago, do texto *Biografias*:

Creio que todas as palavras que vamos pronunciando, todos os movimentos e gestos, concluídos ou somente esboçados, que vamos fazendo, cada um deles e todos juntos, podem ser entendidos como peças soltas de uma autobiografia não intencional que, embora involuntária, ou por isso mesmo, não seria menos sincera e veraz que o mais minucioso dos relatos de uma vida passada à escrita e ao papel (SARAMAGO, 2008)

O processo de refletir sobre a própria prática pode ser um exercício de inúmeras descobertas. A vida profissional docente é repleta de experiências, e muitas vezes os acontecimentos vão sendo esquecidos ou vistos como de pouca importância. Porém, ao se fazer uma análise de si, muitos sujeitos acabam por lembrar esses momentos marcantes de sua trajetória, e nesse processo percebe-se o quanto as vivências influenciam na prática exercida. Sem essa reflexão, pode-se ficar refém das experiências que formam a identidade docente. Percebe-se esse fenômeno no seguinte exemplo: nas primeiras experiências práticas em sala de aula, muitos sujeitos desenvolvem suas aulas de forma muito semelhante àquelas em que aprendeu na escola, mesmo que teoricamente discordem das metodologias utilizadas pelos seus antigos professores. Após alguns semestres na graduação, ocorre uma mudança: agora o sujeito desenvolve aulas com muitos conteúdos aprofundados e uma linguagem acadêmica. Ou seja, passou-se de uma repetição das experiências na escola básica para as vividas no ensino superior. Este sujeito do exemplo utilizado foi o próprio autor deste trabalho, mas poderia representar muitos graduandos e graduandas, que na sua prática acabam por não observar parte fundamental de sua formação: a si mesmos.

Na construção das pesquisas autobiográficas, segundo Abrahão (2004), o sujeito se desvela, para si, e se revela para os outros, como uma história

autorreferente carregada de significado. Essa metodologia mostra-se relevante de ser utilizada quando surgem as inquietações sobre a identidade docente, uma vez que pode-se encontrar nas memórias dos sujeitos as diversas influências pessoais já naturalizadas ou pouco refletidas ao longo da vida que constituem a prática docente. Abraão contribui para a compreensão desta metodologia de pesquisa:

Trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza o pesquisador conscientemente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento. Por esta razão, sabe-se, desde o início, trabalhando antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividades, portanto, antes do que com o objetivo. Nesta tradição de pesquisa, o pesquisador não pretende estabelecer generalizações estatísticas, mas, sim, compreender o fenômeno de estudo, o que lhe pode até permitir uma generalização analítica. (ABRAÃO, 2003).

Elaborar uma pesquisa com tal metodologia coloca o sujeito como protagonista, pois o encoraja a rever sua própria prática com seu olhar do presente, sendo possível revelar aquilo que auxiliou ou dificultou sua caminhada durante a experiência profissional. Ao refletir sobre esse caminhar docente, é possível enxergar os muitos passos já dados anteriormente, assim podendo estabelecer para onde dar, ou não, os próximos.

É possível utilizar de diversas fontes de pesquisa nesta metodologia, sendo a memória o lugar onde se busca acessá-las:

A pesquisa autobiográfica - Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Memoriais - não obstante se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória. Este é o componente essencial na característica do(a) narrador(a) com que o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo. (ABRAÃO, 2003)

Para o desenvolvimento das narrativas, foram feitos encontros

presenciais com cada professora, utilizando um roteiro elaborado com perguntas pensadas para instigar as memórias das participantes da pesquisa. O roteiro é apresentado a seguir:

ROTEIRO PARA AS NARRATIVAS

NOME:
IDADE:
GÊNERO:
RAÇA:
RENDA MÉDIA (APROX.):
TEMPO DE CARREIRA:
ATIVIDADE PROFISSIONAL ATUAL:

- Apresente-se contando um pouco de quem você é.
- Quais as experiências e pessoas que você acredita terem influenciado na sua escolha de cursar a Licenciatura em Geografia?
- Sobre o processo de chegada ao PEAC, como ficou sabendo do projeto? Como foi o processo de seleção? Quais foram as suas motivações para ser professora no projeto?
- Como foi sua experiência durante sua trajetória no PEAC como professora de Geografia?
- Você teve a possibilidade de experienciar uma docência compartilhada com outros professores? Como foi essa experiência?
- Como foi a sua experiência na construção do PEAC como um cursinho popular?
- Quais diferenças você percebe da experiência no PEAC com relação a outros espaços que você experienciou como professora (estágios, projetos, escolas)?
- Como sua participação no PEAC auxiliou na construção de sua identidade docente?
- Você gostaria de trazer mais alguma questão que considera importante?

Além das perguntas, foi solicitado às professoras que levassem imagens de momentos no PEAC dos quais elas considerassem importantes em suas trajetórias. Estas imagens foram pensadas para auxiliar no processo de relembrar as memórias, assim como para se construir uma montagem das fotos como um resultado das narrativas no Capítulo 5 - O brotar das flores da identidade. Os resumos das quatro narrativas são apresentados no final deste capítulo.

Narrativa I - Marina

Sou filha de professores, ambos do magistério. Meu pai era professor de uma escola particular e conseguia colocar os filhos lá também, tive bolsa de filha de funcionário. Tinha essa relação com a educação, mas minha família me dizia que UFRGS era coisa de gente rica. Acabei entrando em um curso de uma universidade privada, isso porque fui aluna de cursinho particular e eles nunca explicaram sobre vagas remanescentes, só descobri isso quando entrei no PEAC como professora já. Poderia ter entrado muito antes na UFRGS, mas essa falta de informação me atrasou bastante.

Desde cedo tive contato com a profissão docente. Eu ajudava a fazer o caderno de chamada pro meu pai desde os 11 anos. Fui educadora social aos 18 anos como forma de me sustentar e pagar a faculdade, e foi ali que acabei me apaixonando pelos alunos. Foi também onde tive um choque de realidade, com crianças que trabalhavam ou estavam entrando pro tráfico. Sempre tive um senso de responsabilidade de apoio, na escola algumas situações injustas já me incomodavam.

Minhas influências para ser professora? Meu pai. Ele é um baita professor. Muitos ex-colegas até hoje comentam sobre ele, e o jeito dele de cobrar mas também ser carinhoso é algo que vejo em mim hoje. As crianças que foram minhas alunas enquanto era educadora social me marcaram muito

também. Minha despedida da escola teve uma homenagem com a música "To sir, with love", algo que nunca esqueci. Morri chorando no dia.

Antes de começar no PEAC e na Geografia queria fazer Relações Internacionais, e como sentia que não ia passar decidi me inscrever para Geografia, pensando na possibilidade de transferência interna. No primeiro semestre já me apaixonei pelo curso. Em 2014 vi um email sobre vagas na geografia do PEAC, e estava com muita vontade de dar aula, de ter uma turma, então me inscrevi. Na época não tinha processo seletivo para entrar no grupo de geografia no projeto, então entravam mais pessoas por indicação, a maioria das pessoas eram da pós-graduação. O fato de não ser mais assim hoje em dia é uma mudança boa que vejo ter acontecido no grupo.

Lembro que na minha primeira aula, antes de entrar na sala, respirei fundo e fui. O resto e como foi a aula eu já não sei, não lembro de nada mesmo.

Consigo enxergar as mudanças que o projeto teve ao longo desses anos. Algumas situações foram marcantes, como situações de machismo, e as mudanças de coordenação no grupo da geografia também. Começamos a fazer as seleções para professores de geografia, pensando em organizar aulas com dois por turma. Passou por muitas transformações no grupo. Mesmo sendo um lugar de diferenças, nunca tínhamos discutido feminismo, racismo coletivamente. Essas situações ocorridas foram uma das coisas que nos levaram a revisar o PPP. Colocamos essas questões importantes para nossa prática escrito lá, lembro até de procurarmos na Internet qual era o nome do preconceito contra idosos na época.

Após as mudanças que aconteceram o PEAC teve outro significado, as reuniões se tornaram prazerosas, havia um envolvimento entre as disciplinas. Os últimos anos são os que eu guardo com o maior carinho. A minha grande escola de formação foi essa liberdade de ter uma turma, de pensar os conteúdos. Durante o fazer docente no PEAC eu também me sentia atuando politicamente muito mais do que atualmente na escola, muito pela realidade

cotidiana que acaba com a nossa energia. O PEAC dá muito certo porque é muito sério e com pessoas muito comprometidas.

O retorno de sentir que está fazendo a diferença para os alunos no PEAC era muito mais rápido do que na escola. A docência compartilhada no PEAC foi com maior autonomia em relação a outras experiências que tive. Essa experiência, assim como o fato de ser regente de uma turma, é um grande diferencial, ensina muito sobre autonomia. Foi ali que desenvolvi minha autonomia. O PEAC me ensinou a ver com orgulho minha trajetória. Ter essas imagens aqui me fazem ver que eu tenho orgulho de tudo isso. Dei significado a minha profissão.

Narrativa II - Mariana

As minhas Influências para ser professora foram professores do meu ensino médio e do cursinho popular onde estudei, o Emancipa. Na minha família também tem professores. Minha mãe, prima e tia.

Minhas motivações para entrar no PEAC são, em parte, por ter passado por um cursinho popular, e através dessa experiência acabei sabendo de outros cursinhos existentes. Eu também conhecia amigos que eram professores no projeto, fui muito estimulada a fazer parte do cursinho por um amigo e colega que na época era professor no PEAC, ele sempre me dizia pra entrar pro projeto. Acredito que a educação popular me possibilitou estudar e ver as coisas de um modo diferente, e também acreditava que poderia levar isso para outras pessoas, o que foi um dos motivos de querer dar aula no PEAC.

Quando decidi me inscrever participei de um processo seletivo. Achei que foi bem rigoroso, tive que entregar uma carta com motivações e depois tivemos uma conversa coletiva com os professores de Geografia, parecido com uma banca. Mas achei muito interessante ver amigos e colegas fazendo aquele trabalho de forma séria e profissional.

Minha trajetória durante o PEAC me fez descobrir algumas coisas sobre mim. Mesmo me sentindo uma pessoa muito segura, em muitos momentos me vi insegura por querer preparar uma aula de qualidade e às vezes perceber algumas limitações, porque não sabemos tudo. Aprendi também a ter jogo de cintura ao me ver em algumas situações, como não saber responder uma dúvida de alunos. Uma coisa que percebi foi que eu já colocava em prática muitas coisas nessa época sem saber que na verdade estavam presentes em diferentes referências teóricas, como Paulo Freire e Piaget, muito por já ter nesse espaço uma discussão com os outros colegas professores sobre a prática. Algo marcante da minha trajetória foi aprender a respeitar o saber e a bagagem do outro.

A possibilidade de compartilhar a docência era algo muito lindo. Eu era uma das professoras que mais batia o pé para que as aulas fossem em duplas de professores. Acho muito lindo dividir a docência, muito fluido. Tem uma troca que te possibilita ir muito mais além, explorar muito mais perspectivas. A própria construção das aulas era um processo interessante. Muitas vezes eu olhava para o material dos colegas, e pensava: nossa, que imagem massa, que notícia interessante! E adorava quando alguém falava isso pra mim também. Durante a aula era possível que os professores se complementassem, algo bem legal também.

Na construção do projeto eu propus uma atividade sobre cotas junto com uma professora de Literatura, onde se falava de identidade e o processo de auto-declaração. Não conseguimos realizar a atividade por questão de falta tempo e das demandas do semestre na época, mas chegamos a planejar e tudo. A organização do projeto é levada muito a sério, e as reuniões frequentes davam uma sintonia boa pra equipe, assim como os professores mais próximos nessa questão de organizar o projeto influenciava também no resultado dos professores em sala de aula. Pensar no Projeto Político Pedagógico, no uso das camisetas do PEAC como identidade, levando o projeto pra fora da sala de aula é importante também. Sem contar que o próprio espaço físico que tu pode

ocupar no PEAC já é um diferencial. Ter quadro, sala, acesso a banheiros muda toda a relação no processo de fluir as coisas com tranquilidade.

O PEAC me ajudou a viver as coisas com muito respeito, como valorizar a minha caminhada, respeitar cada passo. E um ponto muito importante é esse, quando eu olho pra trás e vejo essas conquistas eu me fortaleço como professora. A experiência como um todo me ajudou a construir algo de qualidade, justamente por respeitar aquelas pessoas que estão ali na aula.

Gostaria de frisar que a minha identidade docente, por mais que tenha se formado de um jeito muito planejado por mim, foi com a convivência com outros professores que fez me entender, me fortalecer e melhorar aquilo que pode ser melhorado a partir de coisas que eu vi nos outros, então minha identidade foi construída também de forma compartilhada.

Narrativa III - Nicole

Tinha vontade de fazer Geografia desde o primeiro ano do Ensino Médio, e queria ser professora desde o ensino fundamental, tenho lembranças da infância onde já falava que queria ser professora. Quando fui aluna do PEAC em 2014 tive mais certeza ainda na escolha da Geografia. Nenhum professor de Geografia me marcou muito na escola, sempre foi mais uma vontade própria mesmo.

Conheci o cursinho pela minha irmã que foi aluna, então entrei em 2014 também. Depois de fazer o PEAC mudou muito a minha percepção das coisas. Antes, por exemplo, eu era contra as cotas, e aprendi mais sobre isso, e muitas outras coisas. Ver todo o amor dos professores pelo projeto me fez querer voltar.

A seleção teve um questionário e depois uma conversa presencial. No início me sentia bastante insegura, principalmente em relação ao conteúdo. Mas conforme fui dando mais aulas e participando do projeto fui ganhando mais confiança. Lembro que fizemos uma aula junto com a história, estava muito

tensa mas foi uma boa experiência. As reuniões também são parte muito importante para ter uma relação de amizade entre nós, poder ter conversas francas, e cobrar também. Ouvir o que os outros têm a dizer é bem importante porque as vivências são muito diferentes.

Aprendi muito com os outros professores. Qualquer dúvida ou erro poderia ser conversado com os que faziam parte do projeto mais tempo. Se tivesse iniciado sozinha em sala de aula seria bem mais difícil, então dividir a docência com outros professores é muito enriquecedor. Tu pega um pouquinho de cada professor pra te fazer professor também.

De fato foi no PEAC que me senti professora mesmo. É uma rede. Tu saiu mas volta como professor, tu fala do PEAC para as pessoas. Isso é diferente em relação a outros espaços. A coletividade é muito importante. Poder trocar com outros professores, ouvir os outros.

Me sinto mais parte da construção do projeto esse ano, e por ter a memória de como era antes da pandemia busco resgatar isso, através das atividades como as aulas de sábado, chamar os alunos pra ficar na sede, ter atividades além da sala de aula. E ser coordenadora do grupo da Geografia fez eu me sentir mais responsável. Sinto que é nossa responsabilidade como professores pré-pandêmicos resgatar essa memória do PEAC. A saída de campo que fizemos esse ano foi muito importante e marcante, foi uma atividade diferente do que estamos acostumados. E voltar a dar aula presencial esse ano foi revigorante.

Sinto que o PEAC é totalmente diferente da escola, porque tu sente que muda as pessoas. Na escola muitas vezes somos polidos quando temos algumas ideias, e acaba que o professor perde sua autonomia. Ter liberdade pra falar de alguns assuntos. Na escola, por exemplo, falar de racismo é só no novembro negro, e daquele jeito ainda.

Acho legal essa liberdade que temos de criar as aulas, falar de assuntos que achamos importantes, chamar pessoas de fora do projeto para falar.

Acredito que toda essa minha experiência como professora do PEAC vai me moldar para sempre.

4. O BROTAR DAS FLORES DA IDENTIDADE

Ao analisar o caminhar docente das professoras pesquisadas, percebeu-se o quanto este processo de produção das narrativas mostrou-se oportuno para o objetivo desejado, sendo possível enxergar a formação da identidade docente, ou melhor, o brotar das flores. Além de possibilitar a análise desse trabalho, ressaltou também o quanto essa primeira experiência com a metodologia escolhida foi carregada de aprendizados pessoais. Portanto, para organizar esses momentos, dividiu-se em quatro partes que contemplam tanto a experiência com o método (auto)biográfico como também a análise das narrativas. Assim, o conteúdo apresenta-se da seguinte forma: A experiência (auto)biográfica; Antes da experiência no PEAC; Durante a experiência no PEAC; e O que ficou na identidade.

4.1. A experiência (auto)biográfica

Para construir as narrativas, e posteriormente ser possível analisá-las, foi necessário desenvolver um olhar atento aos detalhes, para além da fala: perceber as expressões, um olhar, falas mais contundentes, às vezes uma tentativa de fuga de um assunto. Ao longo das narrativas fui compreendendo e incluindo essas questões na análise, e a partir das falas e da minha percepção construí um resumo de cada narrativa, contendo as falas em que as professoras demonstraram maior relação com as suas trajetórias. Estes resumos foram utilizados como base, junto com os áudios gravados das narrativas e as imagens selecionadas pelas professoras para a construção dessa análise presente aqui.

Ao longo das narrativas percebeu-se como o roteiro produzido exerceu importante papel no desenvolvimento das falas. Logo no início notou-se como um sentimento de se antecipar ao que poderia surgir, às vezes até uma vontade

de saber qual resposta deveria ser dada. Portanto, a questão de abertura “Apresente-se contando um pouco de quem você é.” foi importante para romper com essas ideias e oportunizar o surgimento dos momentos importantes das trajetórias. Ao final das análises percebeu-se que a formulação de uma pergunta sobre como a própria pessoa se sentiu em relação a construção da sua narrativa caberia como forma de aprofundamento no uso da metodologia.

Junto disso, notou-se como oportunidade de aprendizado a possibilidade de potencializar as narrativas, através de intercessões para um maior aprofundamento em alguns momentos. Solicitar às narradoras um maior detalhamento, tanto sobre alguns relatos pouco comentados ou até resumidos, como também nas falas das quais pareciam ser de grande importância a quem estava falando, de fato poderiam enriquecer a produção das (auto)biografias, já que o que se diz é tão importante como o que fica por dizer e o como se diz revela uma escolha, sem inocências, do que se quer falar e do que se quer calar (Nóvoa, 2001, p. 7-8). Demandar das participantes maiores reflexões sobre algumas das próprias falas, possivelmente construiria outros caminhos para buscar outras “flores” não vistas anteriormente.

Como processo de reflexão sobre a identidade, o método (auto)biográfico se mostrou uma potente ferramenta, através da qual foi possível encontrar muitas influências da experiência no PEAC na identidade docente das professoras, assim como demonstrou ter competência para pensar a formação docente.

4.2. Antes do PEAC

Através da análise das narrativas foi possível vislumbrar a relevância das experiências anteriores ao PEAC vividas pelas participantes para a construção de suas identidades docentes. Descobriu-se influências principalmente sobre

dois aspectos: motivações para seguir a carreira de professora e também para fazer parte do corpo docente do PEAC.

Iniciando pela escolha em seguir a carreira docente, o núcleo familiar foi citado por duas professoras como importante, devido a presença de professores e professoras: “Minha família tem professores. Mãe, prima e tia”, “Sou filha de professores, ambos do magistério.” Isso demonstra a importância dada por ambas para as rotinas profissionais presenciadas em seus cotidianos, algo visto mais explicitamente na fala onde uma participante cita os momentos em que ajudou o pai na organização das chamadas da escola onde ele trabalhava. Então filho de professor, professor é? Diferente de apenas “seguir” a profissão de familiares próximos, as professoras demonstraram a existência de uma admiração pelas suas práticas, uma interpretação fundamental para se compreender o porquê de suas decisões profissionais.

As experiências docentes anteriores à chegada no curso de Licenciatura em Geografia apareceram em duas narrativas: uma como educadora social e outra no magistério. Ambas práticas foram citadas como um momento no qual a inexistência de experiências anteriores dificultou a prática, assim como também o planejamento das atividades. Percebeu-se um distanciamento entre essa fase e a identidade docente de uma das professoras, enquanto para a outra uma lembrança de muito carinho em relação a seus alunos.

Em relação às motivações em fazer parte do PEAC, duas das participantes citaram como uma motivação terem sido alunas de cursinhos populares anteriormente, sendo eles o PEAC e o Emancipa. A forte ligação construída nestes espaços foi acentuada nas falas, assim como o desejo de voltar a um projeto de educação popular como forma de retribuição às conquistas pessoais, como a entrada na universidade e as vivências experimentadas nos cursinhos. Há um forte vínculo afetivo construído nestes espaços entre os sujeitos participantes, ponto fundamental para a construção da identidade docente.

Outra motivação surgida foi a vontade de experimentar a docência, principalmente em um local onde fosse possível desenvolver um trabalho a longo prazo, e também possibilitasse ser a professora regente de uma turma.

4.3. Durante a experiência no PEAC

As experiências iniciais em sala de aula costumam ser desafiantes, e ao experimentar a docência no PEAC nessa fase exploratória (Hubermann) as professoras puderam, antes de tudo, desafiar-se. Primeiramente, porque não se sentiam prontas para a prática, muito pela ideia de que a pouca ou nenhuma experiência docente fosse um impeditivo a elas. Essa visão demonstra uma perspectiva da qual a falta de práticas significa falta de experiências, algo muito comum, mas no qual não se confirma se pensarmos que todos futuros docentes um dia já foram discentes, portanto não são vasos a preencher (Plutarco). E segundo, porque as primeiras experiências causam inseguranças, principalmente o medo de errar em sala de aula. A possibilidade de não saber o conteúdo como um todo e conseqüentemente não saber responder a possíveis questões trazidas por alunos atuou de forma contundente na construção inicial da identidade docente das professoras. Dito isso, as motivações, já citadas anteriormente, para fazer parte do PEAC foram o impulso para encarar o desafio da docência.

A relação entre as professoras e seus alunos mostrou-se como um laço fortemente construído dentro do projeto. Foi possível praticar uma docência na qual as professoras exercitaram a alteridade, por vezes sem dimensionar naquele momento as referências teóricas por trás de suas práticas. Essa forte relação se apresentou durante as narrativas, através das imagens nas quais aparecem alunos e destes são lembrados os nomes e as situações representadas ali, das falas sobre as amizades construídas ao longo do tempo com ex-alunos, assim como dos momentos de alegria pela entrada na

Universidade e também do acolhimento daqueles dos quais não conseguiram passar no vestibular e voltaram para mais um ano de estudos.

A possibilidade de acompanhar um ciclo se completando na vida dos alunos, desde o início das aulas até a entrada na universidade, tem muita influência nesse laço construído na relação aluno-professora. Visualizar esses sujeitos conquistando seu objetivo constrói um senso de estar fazendo a diferença na vida destes, através da profissão escolhida, fortalecendo a identidade docente. Em outras experiências as professoras encontram dificuldades para vislumbrar esse processo, por fatos como os limites impostos para a autonomia do professor nas escolas e a falta de apoio encontrada na profissão que dificultam a prática.

Na construção da relação com outros professores, ecoou-se um discurso marcante do qual a positiva foi a docência compartilhada. Ao praticar de forma coletiva as aulas, os planejamentos e a construção do grupo da disciplina de Geografia, potencializou-se a experiência.

Ficou nítida a importância de se dividir as primeiras aulas com outro professor para quando está dando-se os primeiros passos na docência, principalmente em relação à comum insegurança inicial. As professoras que experienciaram uma docência verdadeiramente compartilhada logo de início, desenvolveram com maior facilidade suas habilidades de comunicação em sala de aula.

A docência compartilhada cumpriu o papel de desenvolver a capacidade das professoras construírem sua identidade através de um olhar para e com o outro. Esse processo se deu a partir da prática, do planejamento e construção das aulas, das trocas de experiências levantadas nas reuniões da disciplina de Geografia, entre outros momentos. Esse exercício de dividir um espaço tão individual que é a docência com outra pessoa possibilitou criar as habilidades de adotar um discurso inclusivo as diferenças e desenvolver um senso de solidariedade entre professores.

O construir do projeto enquanto um cursinho popular revelou-se uma experiência significativa para a identidade. O fato das professoras terem experienciado em momentos diferentes o PEAC acabou cumprindo um papel de complementaridade entre as narrativas, pois conseguiu-se observar as importantes mudanças ocorridas no projeto ao longo do tempo. Isso é um ponto importante porque a experiência de cada uma foi influenciada pela forma como o projeto era construído em cada momento narrado. Houve um processo de reformulação do PPP devido a situações de machismo citadas em uma das narrativas, e justamente essas transformações ocorridas podem ser o motivo dessas questões não ocorrerem novamente na trajetória das outras professoras, que entraram depois dessas mudanças. As questões de gênero, raça, sexualidade e outras foram incorporadas à prática docente do projeto a partir dessa percepção coletiva, e essa característica da educação popular de ser feita por muitas mãos e estar intensamente vinculada à prática surge de forma muito atuante na identidade dos sujeitos que a constroem, e possibilitam o desenvolvimento da autonomia docente.

4.4. O que ficou na identidade

As flores brotadas na identidade são de grande diversidade: desde o afeto como base até a construção coletiva.

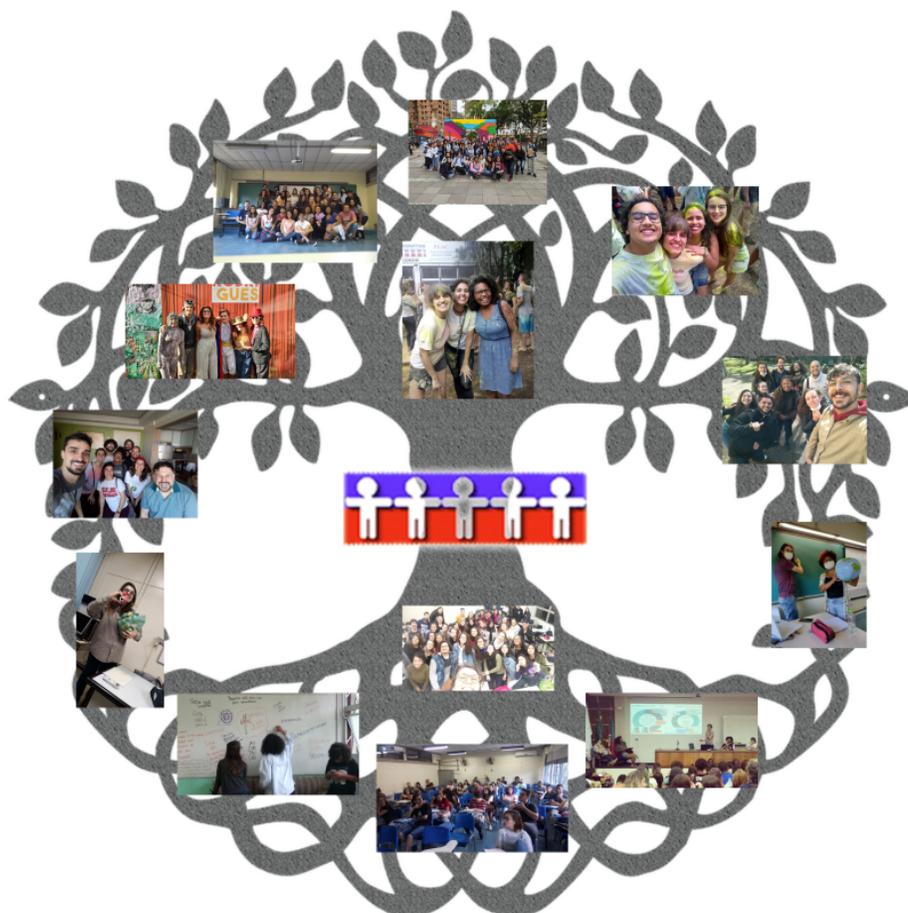
Vislumbrou-se, antes de tudo, a importância da afetividade no processo de construir-se professora. A capacidade de enxergar os alunos como sujeitos constituídos de saberes, assim como dar significados às suas demandas, conseguindo incorporar o conteúdo à realidade desses sujeitos, passa pela adoção do afeto como prática pedagógica.

A seriedade e responsabilidade com que o projeto é construído marcou a prática das professoras, principalmente no que tange ao amadurecimento da identidade. A partir dessa construção coletiva desenvolveu-se habilidades para

além da sala de aula, como a capacidade de diálogo, reflexão sobre as ações pedagógicas na educação popular, organização de cronogramas e também de conteúdos.

Como fechamento dessa análise, as memórias compartilhadas mostraram o quão potente foi o construir-se como indivíduo de forma coletiva na formação da identidade docente das professoras, algo do qual ficou marcado e continua atuando no presente, e como perspectiva para o futuro, já que foi possível adaptar a experiência no PEAC a outros espaços educacionais vivenciados e refletiu-se o quanto essa identidade continuará sendo carregada, seja por qual caminho ela for semeada.

Imagem 02: Pannel de fotos das trajetórias das professoras no PEAC



Fonte: Compilação do autor, 2022¹

¹Montagem criada a partir da coleção pessoal das professoras participantes do trabalho, 2022

5. SEMENTES NÃO TÊM FINAIS

Assim como a parte final do ciclo das plantas é caracterizada pela produção de novas sementes, iniciando assim um novo ciclo, a conclusão deste trabalho recebe esse nome. Não existe um final justamente porque a identidade docente é essa construção permanente na profissão aqui analisada. E provando ser também um processo constante, as experiências vivenciadas ao longo da vida dos professores são um objeto para análise de grande potencial.

As sementes plantadas no PEAC foram de grande aprendizado às professoras pesquisadas, principalmente pelo caráter coletivo exercido nesse espaço. Suas experiências possibilitaram uma transformação de si mas também do PEAC, o que resultou em uma troca enriquecedora a todos os sujeitos envolvidos, situação na qual fortalece a ideia do(a) professor(a) como mediador(a) no processo. As experiências positivas durante a trajetória também marcaram as professoras, e fazem com que estas usem nas suas práticas atuais as referências que construíram no projeto. Conjuntamente, as trajetórias vividas em diferentes momentos contribuíram para transformar o projeto ao longo do tempo, como a construção coletiva do Projeto Político Pedagógico, o que possibilitou um rearranjo da práxis no processo educativo.

A importância do afeto na relação professor-aluno também brotou nos resultados, sendo parte importante na construção do fazer docente, principalmente refletindo sobre os tempos pós-pandêmicos e desafiadores como os atuais. Dar importância às relações afetivas no contexto educacional mostrou ser um potencializador no aprendizado docente e discente, assim como um marcador na responsabilidade por parte das(os) docentes nessa relação educador(a)-educando(a).

A autobiografia provou-se não só uma pertinente metodologia para esta pesquisa, como também se mostrou capacitada a auxiliar e pensar na formação docente, principalmente pelo seu caráter de reflexão e análise da prática. O

sujeito auto reflexivo desenvolve a habilidade de reconstruir-se ao reviver sua própria trajetória, e na profissão docente esse processo se mostra relevante, principalmente porque, se nós percebemos em uma realidade intrínseca na modernidade líquida, nossa identidade também se faz assim. Utilizar o método (auto)biográfico foi uma experiência de profundo aprendizado, e será objeto de estudo para futuros semeares.

Para (não) finalizar, reitero o quão significativa foi a produção deste trabalho de conclusão de curso, ao revelar na pesquisa as possibilidades das quais constroem a identidade docente da Geografia. Enxergar na prática das professoras do PEAC as diversas geografias e suas nuances, principalmente ao situarmos nossa realidade de “uma região de veias abertas”, como nos diz Galeano, alinhadas a uma visão solidária e de emancipação cidadã, na qual os sujeitos envolvidos não só fazem parte do conteúdo da geografia como também são ativos na construção da sua realidade, consistiu em um processo qualitativo de transformação da identidade docente.

Como forma de representar um final, apenas simbólico, transcrevo aqui as palavras ditas por uma das professoras que contribuiu para esse trabalho existir, palavras estas que resumem de forma maestral o significado desta pesquisa e das quais me representam profundamente: “Foi no PEAC que me senti professora.”

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; BARREIRO, Cristhianny Bento. A nova aventura (auto)biográfica: tomo I. 18. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. P. 201-224.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Profissionalização docente e identidade – narrativas na primeira pessoa. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006. P. 188-203.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Ines Ferreira de Souza; FERREIRA, Márcia Santos. Perspectivas epistêmico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica. 1. ed. Curitiba: CRV, 2016

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Trajetórias de vida e formação de professoras: suas biografias educativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino de/ BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza (Orgs.). Memórias, dimensões sócio-históricas e trajetórias de vida. Porto Alegre: EDIPUCRS; Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012. P. 193- 219.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. – São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. 1. Ed. Porto Alegre: L&PM, 2017.

HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional de professores. In: NÓVOA, A. (Org.). Vidas de professores. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

LEI Nº 5.540, de 28 de Novembro de 1968. Diário Oficial da União - Seção 1 - 29 de Novembro de 1968, Página 10369. Coleção de Leis do Brasil - 1968, Página 152 Vol. 7.

MACEDO, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. Formação Docente, Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez. 2009. Disponível em <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>>. Acesso em: 20 de Jun. de 2022

PALUDO, Conceição. Educação Popular em busca de alternativas: uma leitura desde o campo democrático popular. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos; RIBEIRO, Solange Lucas. Formação de professores de geografia: narrativas, saberes e práticas. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2016

PORTUGAL, Jussara Fraga. “Quem é da roça é formiga!”: Histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais. / Jussara Fraga Portugal. – Salvador, 2013.

Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia. UFRGS, 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/graduacaoigeo/wp-content/uploads/2022/06/PPC_licenciatura_em_geografia.pdf>. Acesso em: 21 de set. de 2022.

Projeto Político Pedagógico do PEAC. PEAC, 2022. Disponível em: <<http://peac.com.br/projeto-politico-do-peac/>>. Acesso em: 25 de set. de 2022

SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARTICIPANTE**

PESQUISA: Semeando a identidade docente da Geografia no Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC)

AUTOR(A): Ericson da Silva Sanceverino

NATUREZA DA PESQUISA: Esta é uma pesquisa que tem como finalidade investigar a construção da identidade docente.

PARTICIPANTES DA PESQUISA: Participação desta pesquisa três pessoas em Porto Alegre - RS.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo você responderá a uma entrevista. É previsto em torno de uma a duas horas para a entrevista. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir de participar em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo pode entrar em contato com a Professora Cláudia pelo e-mail claudia.luisapires@gmail.com.

SOBRE A ENTREVISTA: Serão solicitadas algumas informações sobre sua trajetória de vida e suas experiências como professor(a) no PEAC.

RISCOS E DESCONFORTO: a participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistado.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto; entretanto, esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas e pesquisas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Nome do(a) participante

Assinatura do(a) participante

Local e data

Autor(a) da pesquisa

Orientador(a) da pesquisa

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A orientadora desta pesquisa é a/o Prof(a). Cláudia Luisa Zeferino Pires do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFRGS.

